

DF - Candangolândia

Saneamento salvará

Rede de esgoto é a única solução para

VALÉRIO VIEIRAS

Candangolândia de epidemia

evitar a proliferação de doenças como a dengue

A diretoria da Caesb está providenciando a instalação da rede de esgotos na Candangolândia, informou ontem o secretário-geral Waldo Rohlfs. A elaboração e execução do projeto devem demorar entre sete e 10 meses, segundo seus cálculos. Até lá os 3 mil moradores do bairro terão de fazer parte de um quadro rigorosamente alarmante do ponto de vista da saúde pública.

No Centro de Ensino número 2 do Núcleo Bandeirante — única escola da Candangolândia — uma poça de água esverdeada, infecta, espraia-se ao redor das duas únicas fossas assépticas existentes. Nas ruas o panorama é o mesmo. O esgoto escorre pelo pátio das casas, serpenteia pelas valas que vai formando e acumula-se nos abundantes buracos.

Os moradores dizem que depois de esgotada, uma das pequenas fossas construídas nos lotes do bairro pára de vazar por um prazo máximo de 15 dias. "Esta, a Caesb limpou quinta-feira passada", disse Maura da Silva Oliveira, residente na Quadra 3, apontando a água que já começava a se acumular. Ela acrescentou que depois de solicitar os serviços da Caesb é preciso esperar, em geral, de oito a 15 dias. Mas as vezes a demora é mais prolongada chegando até a um mês inteiro.

TEMOR

O presidente da Associação dos Moradores da Candangolândia, Francisco de Assis Souza, o Ligeirinho, chegou a acusar a administração do Núcleo Bandeirante de estar retendo a verba da rede de esgotos. Circu-

la intensamente no bairro a informação de que os recursos teriam sido liberados em janeiro, mas isto é contradito pelo secretário-geral da Caesb: "A companhia está viabilizando neste momento os recursos para contratar o projeto", precisou ele na manhã de ontem.

O problema dos esgotos, que escorre sem exceção por todas as ruas da Candangolândia e exala forte mau cheiro nos lugares onde o acúmulo é maior, está fazendo com que parte dos moradores preocupe-se com virtuais endemias. Fala-se em dengue, em febre amarela e até em febre tifóide. Crianças descalças pisam a lama formada pelos detritos que em alguns pontos toma completamente a via pública.

"Eu estou sempre cobrando mas ninguém toma providências", acusa Francisco Souza. Ele e outros moradores disseram que o problema surgiu quase imediatamente após a criação do núcleo residencial e vem se agravando com o tempo. "Enquanto isto", queixa-se o presidente da Associação, "constróem ciclovias no lago". Ele se contenta, porém, com o atendimento de outra reivindicação do bairro: o asfaltamento da rua principal, que começará em breve e facilitará o trânsito de ônibus e outros veículos.

Waldo Rohlfs estima que o projeto da rede de esgotos da Candangolândia esteja pronto num prazo de 90 a 120 dias. Isto quer dizer que a obra poderá ser iniciada em meados de setembro ou outubro. A construção deverá demorar de 120 a 180 dias, podendo estar concluída entre janeiro e abril de 1987.

Diretora cobra promessa

A professora Maria dos Remédios Carvalho de Souza, diretora interina do Centro de Ensino número 2, na Candangolândia, está cobrando o cumprimento de promessas feitas pelo governador José Aparecido, que incluem a construção de um prédio de alvenaria para substituir a atual estrutura metálica. "À tarde o calor é insuportável, assinala. Os alunos pedem constantemente para sair das salas e tomar água, com prejuízos para a disciplina e a aprendizagem.

A água, aliás, é outro problema apontado pela servidora Maria Magalhães da Costa. Ela faz questão de mostrar o único bebedouro disponível para os 1 mil 500 alunos. Está escorrido com canos plásticos, depois de ceder e "ficar quase encostando no chão". A tubulação permite a instalação de diversas torneiras mas apenas duas foram colocadas e delas só funciona uma. "É um absurdo. Se o Governo não tem condições de manter uma escola que a feche", exalta-se.

Numa visita à escola em fins de 1985, o governador prometeu também um muro, lembra a professora Maria dos Remédios. Isto não foi exclusividade de Aparecido. Um deputado fe-

deral fez o mesmo e chegou a mandar alguns homens que iniciaram a preparação do terreno. Depois, veio a greve e eles nunca mais voltaram, conta a diretora interina.

A falta desta simples barreira já possibilitou, em 1985, uma tentativa de estupro, sofrida por uma aluna no único banheiro da escola. Lá a menina depôs com um homem armado de faca mais foi socorrida a tempo. O problema da segurança está palliativamente resolvido: a Polícia Militar mantém permanentemente um soldado na escola. Isto não chega a impedir algumas desordens, como esporádicas batidas na estrutura metálica perturbando as aulas. Um jovem desempregado já foi detido duas vezes por este tipo de ato, conta Maria dos Remédios.

Tão estranho quanto a falta de torneiras é a recolocação de vidros quebrados. As janelas compõem-se de duas esquadrias, com dobradiça no centro. Cada vez que uma delas quebra o Comando de Reparos da Fundação Educacional, por algum insondável motivo, retira-as e coloca um vidro inteirinho, impedindo a ventilação nas salas de aula e aumentando o calor já normalmente insuportável, explicou a professora.